

LETRA MORTA

Que tristeza a letra morta.

Como é duro vê-las pisoteadas como formiguinhas em um papel branco. Ali, alinhadas apenas para fazer sentido, não sentindo, só sentido, em uma frase igualmente morta. Letras exangues, pálidas, estéreis... letras figurativas nos cemitérios dos documentos. Ali elas não falam, só calam, e caladas, estáticas, cedem, inertes, suas exuberâncias. Cedem o que poderiam ter sido, cedem seus corpos, feitos para viverem das encarnações de mistérios desconhecidos, cedem sua majestade apenas para fazer sentido. A letra fria, tão amada pela burocracia. A letra que não diz nada, que só aponta, com seu cadáver, aonde vai a fria estrada. Letras que não desabrocham nem voam, sem beleza nem desespero, letras sem gosto, sem tempero! Múmias cravadas no deserto, sem nenhuma idéia por perto. Agrupadas em palavras com esmero arranjadas, palavras que não se defendem e que já não podem nada. Letra, palavra, frase, parágrafo, item, inciso, o raio que o parta! No jazigo do documento a letra sinaliza, mas não fala!

Sua sonoridade não canta!

Sua sinuosidade não encanta!

Dissecadas até o talo, parecem dizer: a partir daqui eu me calo...

Ah, mas não há de ser nada, essa morbidez passa...

Que a metafísica do sentido é eterna.

E a letra que no documento jaz morta a dar coesão aos esquemas, há de renascer

vitoriosa, flor de Sol, no jardim dos poemas...

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/letra-morta-1>